

**A REPÚBLICA NOS TRAÇOS DO HUMOR: A IMPRENSA ILUSTRADA E OS PRIMEIROS
ANOS DA CAMPANHA REPUBLICANA NO BRASIL**

Aristeu Elisandro Machado Lopes*

RESUMO: Os primeiros anos da campanha republicana iniciada no Rio de Janeiro nos anos 1870 não passou despercebida pelos caricaturistas. Abordar como alguns dos principais periódicos ilustrados abordaram em suas páginas de humor a propaganda republicana é o objetivo desse artigo.

PALAVRAS-CHAVE: República; Imprensa ilustrada; Rio de Janeiro.

ABSTRACT: The first years of republican campaign in Brazil have started in Rio de Janeiro in the 1870's, and haven't been overlooked by cartoonists. The purpose of this article is to approach how the main illustrated periodicals dealt with republican propaganda in their humor pages.

KEY-WORDS: Republic; Illustrated press; Rio de Janeiro.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A cidade do Rio de Janeiro, centro do poder do Império do Brasil, abrigou uma gama variada de jornais de humor ao longo do século XIX. A imprensa ilustrada da Corte se desenvolveu apresentando ao público leitor periódicos que tratavam em suas páginas os mais variados assuntos. Nesse sentido, as atividades políticas tornaram-se um dos motivos mais visados pelos caricaturistas do tempo, que não descuidaram das atividades republicanas. A relação entre a imprensa ilustrada fluminense e a campanha republicana é o objetivo principal desse artigo.

Logo após a fundação do Partido Republicano em 1870 a propaganda foi iniciada com a criação de uma folha oficial – *República* – que não tardou a aparecer satirizada na imprensa ilustrada. Nesse trabalho serão analisadas ilustrações veiculadas em dois periódicos: *A Vida Fluminense* e *O Mosquito*. As imagens permitem interpretar

* Mestre e Doutorando em História pela UFRGS. Bolsista CNPq. Professor substituto da Universidade Federal do Rio Grande/FURG.

que a campanha em prol de uma nova forma de governo no Brasil que substituiria a Monarquia por uma República, embora incipiente nos seus primeiros anos, foi desenvolvida e mereceu a atenção dos caricaturistas que, perspicazes, tornavam-na mote para suas aguçadas produções artísticas.

1. O PERIÓDICO *A VIDA FLUMINENSE* E AS SÁTIRAS AO JORNAL *REPÚBLICA*

A Vida Fluminense (1868-1875) foi um jornal de crítica que se intitulava “folha joco-séria ilustrada” e que publicava “revistas, caricaturas, retratos, modas vistas, musicas, etc, etc” (*A Vida Fluminense*, 01/01/1868)¹. Nas páginas destinadas a parte escrita o assunto de maior relevância foi a atividade teatral da Corte. Crônicas como a intitulada “assuntos de várias cores” tomavam uma grande parte do jornal geralmente iniciando na terceira página e se estendendo até a sétima ou oitava. Os temas políticos apareciam somente no primeiro texto do jornal, um tipo de editorial. Um dos temas amplamente divulgados foi a Guerra do Paraguai (1864-1870). Os leitores eram informados não só dos acontecimentos e dos avanços dos aliados na guerra como também a eles eram oferecidos desenhos dos mapas das operações militares, de membros de grande destaque do exército e caricaturas relacionadas ao inimigo².

Participaram da parte ilustrada d’*A Vida Fluminense* Angelo Agostini, Antonio Alves do Vale de Sousa Pinto, o Vale, Candido Aragonês de Faria e Luigi Borgomainerio.

A Vida Fluminense substitui *O Arlequim* (1868), que por sua vez havia substituído *Bazar Volante*; *A Vida* não encerrou sua circulação em 1875, mas foi substituída em 1876 por outra folha: *O Fígaro*. A prática de absorver outros periódicos não aconteceu somente no caso d’*A Vida*; o mesmo ocorreu, como será visto adiante, com *O Mosquito*. Essa operação visava o fortalecimento do periódico, assim, além de diminuir a concorrência, ele ganhava os assinantes, os caricaturistas e os colaboradores do periódico incorporado, além da possível inclusão em suas oficinas do material de trabalho do jornal que era liquidado.

¹ Os periódicos foram pesquisados no Real Gabinete Português de Leitura (RGPL) no Rio de Janeiro e suas reproduções foram realizadas no Arquivo Edgard Leuenrouth (AEL) da UNICAMP em Campinas.

² Entre os trabalhos produzidos sobre a imprensa ilustrada e a Guerra do Paraguai ver, SILVEIRA, Mauro César. 1996. *A batalha de papel. A Guerra do Paraguai através da caricatura*. Porto Alegre, L&PM; TORAL, André. 2001. *Imagens em desordem. A iconografia da Guerra do Paraguai (1864-1870)*. São Paulo, Humanitas/FFLCH/USP.

O periódico não apresentou simpatias ao Império como também não era filiado a partidos políticos; a política da época era tomada de uma forma genérica e, quase sempre, em tom de sátira. Isso não significa que o periódico não veiculasse desenhos em suas páginas que se referiam de uma forma elegante e prestigiosa ao Imperador ou a membros da casa imperial, o que era comum nas folhas ilustradas do período. Contudo, referências satíricas às atividades dos republicanos fluminenses apareceram nas páginas do periódico.

Quando da fundação do Partido Republicano o periódico já circulava há quase três anos, no entanto nenhuma referência ao evento foi publicada como também não apareceram comentários a publicação do manifesto republicano divulgado logo após a criação do partido. Somente em 1871 o periódico ao tratar num desenho humorístico os partidos políticos do Império cita os republicanos considerando-os como um partido ao lado de liberais e conservadores (*A Vida Fluminense*, 14/10/1871).

Um desenho mais significativo em relação aos republicanos surgiu direcionado ao jornal *República* órgão de propaganda do Partido Republicano na Província do Rio de Janeiro também fundado em 1870. Nesta produção artística, concebida por Candido Aragonês de Faria, dois homens conversam, um brasileiro e um americano, em frente a sede do jornal republicano que, conforme *A Vida*, apresentava em sua fachada uma placa com a inscrição “Republica”. (figura 1) No diálogo, o americano pergunta ao brasileiro: “Como diz o geografia que Brazil estar país monarchique e eu vem acha taboleta com republica e vendedor que grita republica no praça, no rua e até in caffés!!!”³ O brasileiro, por seu turno, responde: “Essa república seu yankee não passa de uma folha inofensiva que se vende a 407”. O americano retruca: “Op! Nó nó sta bonite! In state united se jornalista se lembra de chama monarchista sua papel, presidente manda logo queima papel e recolhe jornalista in gaiole.” A resposta do brasileiro encerra o diálogo: “Por cá não precisamos de tanto. Uma ode em verso vomitada a tempo e tudo isto voa pelos ares” (*A Vida Fluminense*, 03/08/1872).

³ A grafia das citações dos periódicos foi atualizada. Apenas essa e a próxima (falas do americano) foram mantidas no original para que a verve humorística não se perdesse.



Figura 1: o americano e a República

Legenda: Como diz o geografia que Brazil estar país monarchique e eu vem acha taboleta com republica e vendedor que grita republica no praça, no rua e até in caffès!! Essa república seu yankee não passa de uma folha inofensiva que se vende a 407. Op! Nó nó sta bonite! In state united se jornalista se lembra de chama monarchista sua papel, presidente manda logo queima papel e recolhe jornalista in gaiole. Por cá não precisamos de tanto. Uma ode em verso vomitada a tempo e tudo isto voa pelos ares.

Fonte: *A Vida Fluminense*, Rio de Janeiro, n.240, p.1078, 03 ago. 1872. Acervo: RGPL (pesquisa)/ AEL-UNICAMP (reprodução)

Esta imagem e o diálogo entre os dois homens permitem algumas considerações. É significativo o emprego de um personagem norte-americano, uma vez que os Estados Unidos da América proclamaram sua Independência política em 1776 livrando-se da metrópole inglesa e instalando como forma de governo o regime republicano, o que não ocorreu no Brasil em 1822. Assim, o periódico relaciona, com esse personagem, a campanha republicana que se principiava no Brasil com outros movimentos de

independência e/ou revolucionários que deveriam ser tomados como modelos do que precisaria ser feito pelos republicanos brasileiros, por exemplo, a Independência Norte-Americana. Ao lado disso, a primeira frase do diálogo denota que a campanha, difundida com a circulação do jornal *República*, estava iniciando de uma forma positiva, sendo anunciada na praça, nas ruas e nos cafés da cidade. A posição um tanto simpática da folha ilustrada no início do diálogo logo mostra sua condição contrária, ao destacar que seria necessário apenas uma ode em verso para pulverizar a campanha; é provável que a ode referia-se àqueles contrários ao jornal republicano e as idéias por ele disseminadas, os quais, através de seus posicionamentos nos demais jornais conseguiriam aniquilar as pretensões republicanas.

Quando o americano relata que em seu país (uma República) um jornalista que identifica sua folha como monarquista é preso e tem seu jornal destruído e o brasileiro afirma que aqui isso não é necessário, outra questão, que possui relação com a anterior, surge: a liberdade de imprensa. O governo brasileiro não precisa intervir, como faz o americano, pois os jornais de oposição se encarregam de tal “destruição” e também porque a ampla liberdade de imprensa gozada no século XIX permite que os jornalistas critiquem, satirizem e se posicionem da maneira que entendam ser a mais correta de acordo com suas pretensões e pontos de vista⁴.

Essa ilustração pode ser considerada como uma visão do mundo político tomada a partir das percepções ou “princípios de di-visão do mundo social”⁵ nas quais o caricaturista está inserido. Assim, pode se sugerir que o movimento republicano desde o início de suas atividades estava presente na política imperial e que o caricaturista tem conhecimento dela transformando-a em mote à sua produção artística. No caso desta imagem, não se trata de combate extensivo aos ideais republicanos (a mesma crítica poderia ser aplicada ao Partido Liberal ou ao Conservador, por exemplo) o que ocorre é o emprego dos recursos da sátira para criticar os republicanos de uma forma genérica.

Um tema semelhante ao abordado na caricatura anterior apareceu na edição de 06 de junho de 1872. (figura 2) Numa série dividida em quadros, o caricaturista trata da chegada de uma senhora ao Brasil, neta de uma outra senhora que em 1792 causou grande repercussão no mundo devido as suas façanhas na França.

⁴ Sobre a história da imprensa no Brasil e sua liberdade de expressão ver: BAHIA, Juarez. 1990. *História, jornal e técnica. História da imprensa brasileira*. São Paulo, Ática; LUSTOSA, Isabel. 2000. *Insultos impressos. A guerra dos jornalistas na Independência (1821-1823)*. São Paulo, Companhia das Letras; SODRÉ, Nelson Werneck. 1983. *História da imprensa no Brasil*. São Paulo, Martins Fontes.

⁵ BOURDIEU, Pierre. 2005. *O poder simbólico*. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, p.185.

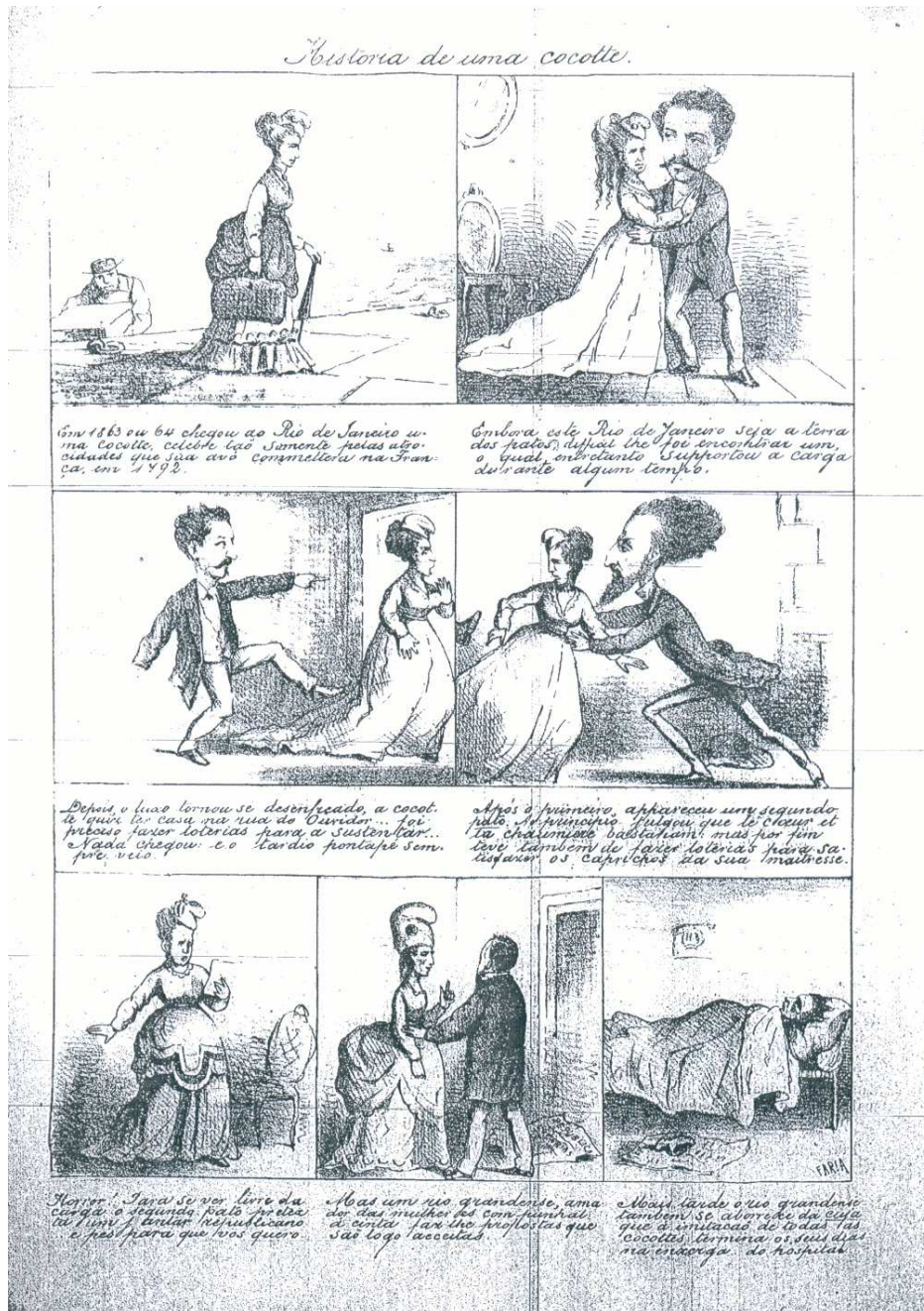


Figura 2: História de uma cocotte.

Fonte: *A Vida Fluminense*, Rio de Janeiro, n.258, p.1222, 06 dez. 1872. Acervo: RGPL/ AEL-UNICAMP.

Na produção a alegoria feminina da República, sedutora e fascinante, desembarca num porto brasileiro causando furor, homens caem aos seus pés e

não resistem aos seus encantos (e idéias). No entanto, o que parece ser tratado com simpatia pelo jornal novamente demonstra sua repulsão aos ideais e novas propostas que esta “senhora” trás ao Brasil, já que ela é apresentada ao público leitor como uma “*cocotte*”. Este adjetivo pode ser relacionado à palavra cortesã: mulheres que freqüentavam as cortes européias e que geralmente eram amparadas por algum de seus membros; algumas conquistaram destaque nas cortes que freqüentavam e até mesmo tornaram-se influentes na política⁶.

Uma das mais famosas cortesãs da ficção foi Marguerite Gautier, personagem central do livro *A dama das camélias* de Alexandre Dumas Filho, publicado originalmente em 1848. O romance além de ser publicado nesse ano foi também ambientado na Revolução de 1848 da qual resultaria a implantação da 2ª República na França. A nova situação política proporcionou uma intensa produção de imagens alegóricas das quais a mais famosa é *A Liberdade conduzindo o povo* de Eugène Delacroix.

No caso da “cortesã” republicana que desembarcava na Corte brasileira havia uma relação explícita com a Revolução Francesa e, sobretudo, com a República proclamada em 1792. Assim, é possível averiguar que o periódico, mesmo não sendo simpático aos republicanos brasileiros, fazia uma relação entre os ideais revolucionários franceses e a iniciante campanha em prol de uma República no Brasil, demonstrando as influências que os partidários do novo regime seguiam. Ao apresentar a alegoria como uma *cocotte*, o jornal dava a entender que a *República* estava se amparando em homens de destaque e que poderiam sustentá-la, como o jornalista Quintino Bocaiúva colaborador do jornal e apontado como o autor do Manifesto de 1870 e Saldanha Marinho, um dos políticos brasileiros de destacada atuação na campanha republicana⁷.

2. A REPÚBLICA DE QUINTINO BOCAIÚVA E O MOSQUITO

⁶ ROBERTS, Nickie. 1998. *As prostitutas na história*. Tradução de Magda Lopes. Rio de Janeiro, Record/Rosa dos tempos, p.172.

⁷ HOLANDA, Sergio Buarque de. 2005. *História Geral da Civilização brasileira*. 7ª Ed., Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, Vol. 7: Do Império à República, p.299-315.

Candido Aragonês de Faria⁸ além de participar nas ilustrações d'*A Vida*, colaborou em outros periódicos. Seu destaque maior ocorreu a partir de 1869 quando fundou *O Mosquito* (1869-1877) que contou ainda com outros caricaturistas em diversos momentos: Pinheiro Guimarães, Flumen Junius, Antonio Augusto do Vale, Angelo Agostini e Rafael Bordallo Pinheiro. *O Mosquito* apresentava-se como “jornal caricato e crítico” e, conforme sua apresentação, tinha por objetivo “Beliscar, sutilmente, a humanidade; enterrar mesmo o ferrão em certos preconceitos e alusões da nossa sociedade sem deixar calombo ou comichão, é essa a missão deste pequeno filho do Adão mosquital da criação” (*O Mosquito*, 19/09/1869). O periódico incorporou em 1871 os periódicos *O Lobishomem* e *A Comédia Social* que era ilustrada por Pedro Américo e Aurélio de Figueiredo e em 1875 congregou *O Mefistófeles*⁹. Este último foi fundado também por Faria em 1874 e por ele inteiramente ilustrado pelos cerca de dois anos de circulação¹⁰. Essa situação mostra que a mudança de propriedade dos jornais era freqüente, pois nessa época, Faria já não estava mais a frente do periódico por ele fundado em 1869 e somente retornava em 1875 quando da reunião dos dois jornais. Essas situações demonstram a circulação dos caricaturistas entre os periódicos, Vale que iniciou sua carreira na *Pacotilha*, trabalhou depois em *O Fígaro*, *O Ganganelli* e no *O Diabrete*.

O periódico afirmava que iria “ocupar-se de política” mas seria uma política “sem bandeira, sem compromissos, sem compadrescos, sem rolha” (*O Mosquito*, 02/09/1871). Um dos temas políticos do tempo que ganhou grande relevo por parte dos caricaturistas da folha foi o conflito entre a Coroa e a Igreja católica que culminou na prisão dos bispos de Olinda e Pará. A Questão Religiosa ocupou várias páginas do jornal com caricaturas que ridicularizam os bispos e a igreja e artigos de críticas ferrenhas direcionadas as relações entre o governo e a religião. O jornal não apresentava simpatias ao Império, aos partidos¹¹ e nem aos republicanos. Contudo, a campanha republicana foi abordada de uma forma mais abrangente do que em *A Vida Fluminense*;

⁸ Nascido na cidade do Rio de Janeiro em 1817; cursou Desenho e Arquitetura Civil na Academia de Belas Artes da Corte. Atuou em vários periódicos fluminenses e em 1878 mudou-se para Porto Alegre e fundou um periódico chamado *O Fígaro* que se manteve por oito meses entre outubro de 1868 e junho de 1879. Cf.: FERREIRA, Athos D.. 1964. *Imprensa Caricata do Rio Grande do Sul no Século XIX*. Porto Alegre, Editora Globo, p.62-65.

⁹ LIMA, Herman. 1963. *História da caricatura no Brasil*. Rio de Janeiro, José Olympio, p.104.

¹⁰ Id. *Ibid.*, p.811.

¹¹ Na sessão “expediente” do dia 22/11/1871 o jornal explica a um colaborador o porquê de não ter publicado seu artigo: “Sr. W. R. – Não sendo o *Mosquito* jornal de partido, não podemos aceitar o seu artigo, chistoso sim, mas apaixonado.”

a temática foi tratada tanto na parte textual como nas ilustrações. A carta analisa a seguir exemplifica.

Comum à época foram as publicações de cartas destinadas a alguém ou a redação do jornal; geralmente o remetente e o destinatário eram identificados com pseudônimos e o local de sua produção fictício. Numa delas, publicada em 25 de maio de 1872, uma passagem se refere aos republicanos, chamados de “gente que propaga doutrinas perigosíssimas para a fidalguia e que a todos os instantes lhe está cavando os sete palmos de terra e preparando um caixão de chumbo para que ela fique bem chumbada lá embaixo”. A carta assinada por Serapião Borda D’Água e localizada na Ilha dos ratos findava com um aviso: “Cuidado com os republicanos!”. A carta aludia a campanha dos republicanos que propagavam “doutrinas perigosíssimas” a fidalguia, ou seja, ao poder monárquico instituído. Já o aviso final foi direcionado, sobretudo, aos fidalgos e remetia ao provável futuro que poderia ser trilhado pelos republicanos caso nada fosse feito na tentativa de interromper a sua caminhada.

As irrisões destinadas ao jornal não tiveram somente uma conotação política, qualquer “escorregão” da folha republicana era satirizado pelo periódico. Assim, na época do carnaval, *O Mosquito* criticava um comentário veiculado na *República* que afirmava que ele se ocupava “exclusivamente com o carnaval”, revidando a menção, o periódico lembrou aos leitores e a redação do jornal republicano que numa edição anterior “celebrava em prosa e verso os merecimentos do *órgão republicano* e contudo não se lia neste: *O Mosquito* ocupa-se exclusivamente com a *República*” (grifos do jornal) (*O Mosquito*, 24/02/1872).

Essas críticas são consideradas leves, pois visavam apenas espezinhar o jornal e não eram motivos para polêmicas entre eles. Diferente no que tange a Quintino Bocaiúva. No início da veiculação do jornal republicano membros diversos do partido foram seus redatores e em 1871 Quintino Bocaiúva tomara a dianteira da folha tornando-se seu diretor. Ainda neste ano o jornal tornou-se diário e alcançava uma tiragem de 2.000 exemplares contando com agentes em outras províncias. Em 1872 o jornal estava passando por dificuldades financeiras; atrelado a isso, sua direção, que era composta por Luiz Barbosa da Silva, Salvador de Mendonça e Ferreira de Menezes, retirou-se. Bocaiúva assumiu-a sozinho e o jornal deixou de ser o órgão do partido tornando-se propriedade particular¹².

¹² BOEHRER, George. 2000. *Da Monarquia a República. História do Partido Republicano do Brasil (1870-1889)*. Trad. Berenice Xavier. Belo Horizonte, Itatiaia, p. 38.

Essas mudanças ocorridas no jornal não passaram despercebidas pel’*O Mosquito* na edição do dia 12 de outubro de 1872. (Figura 03) Na primeira página, o jornal trazia a alegoria feminina da República dialogando com um dos ex-diretores na frente da sede do jornal; num segundo plano a figura de Quintino Bocaiúva apresenta uma declaração.

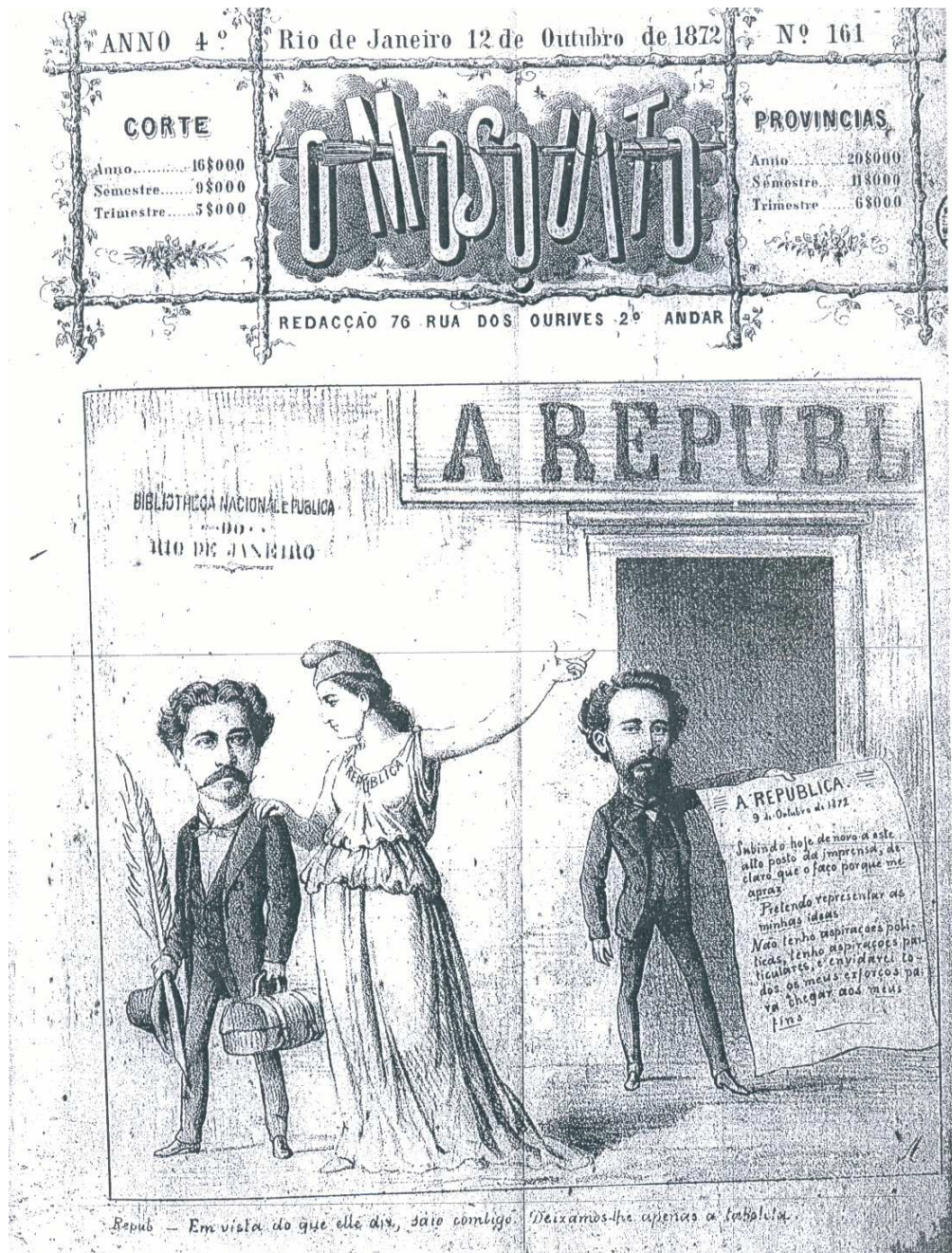


Figura 3: A alegoria Feminina da República e a *República* de Quintino Bocaiúva
 Legenda: Em vista do que ele diz, saio contigo. Deixamos-lhe apenas a tabuleta.

Fonte: *O Mosquito*, Rio de Janeiro, n.161, capa, 12 out. 1872. Acervo: RGPL/ AEL-UNICAMP

A imagem trata das transformações ocorridas na folha. No diálogo, a alegoria expõe ao ex-diretor sua posição: “Em vista do que ele diz, saio contigo. Deixamos-lhe apenas a tabuleta”. O texto escrito na mensagem de Quintino defende o novo arranjo do jornal: “Subindo hoje de novo a este alto posto da imprensa, declaro que o faço porque *me apraz*. Pretendo representar as *minhas idéias*. Não tenho aspirações políticas, tenho aspirações particulares, e envidarei todos os meus esforços para chegar aos *meus fins*.” Conforme George Boeher a admissão de Quintino como diretor e sua atitude de não falar pelo partido não agradou os círculos republicanos divididos entre moderados, dentre eles Quintino, e radicais¹³. Também não agradou ao periódico ilustrado que ao novo diretor endereçou uma carta publicada no mesmo número de outubro daquele ano.

Na missiva, Quintino é chamado de amigo e a ele são pedidas explicações sobre os artigos de despedidas dos ex-diretores. Conforme o jornal um retirou-se porque estava doente o outro “preferiu retirar-se sem dar cavaco” e o terceiro “porque circunstâncias independentes da vontade deles os obrigam todos a depor a pena”. O autor da carta, identificado como Lulu Sênior, pergunta ao “amigo” quais circunstâncias levaram à saída dos ex-diretores, se por acaso a moléstia do primeiro era contagiosa e, portanto, se havia uma epidemia na redação do jornal. Na visão d’ *O Mosquito*, a solução do “enigma” pode ser resolvida através de uma “suspeita política”, pois no dia posterior a queda o novo redator declara que “não devia nada a ninguém, que ninguém tinha lhe dado a folha que era muito sua porque tinha lhe custado o seu dinheiro, e que não se considerava portanto obrigado a representar este ou aquele partido, mas sim a sua pessoa”. O jornal concorda com a declaração do novo redator, contudo, como a folha não irá mais tratar das questões do partido republicano, sugere a ele que modifique o nome do jornal: “mande tirar o letreiro [da] folha, e em vez de se chamar – *A República* – chame-se-lhe (sic) – *O Quintino*.” A carta termina com uma solicitação; requeria ao novo diretor que esclarecesse suas posições pois apesar de republicano é amigo do imperador e da forma atual de governo e, além disso, declara que o jornal, até então, não era cortez e que doravante assim seria com todos os indivíduos.

¹³ BOEHRER, George. 2000. *Da Monarquia a República...* Op. Cit, p. 38.

Na carta, assinada ao abrigo de um pseudônimo¹⁴, a crítica não era endereçada aos republicanos ou aos ideais por eles defendidos como as sátiras veiculadas pel’*A Vida Fluminense*; n’*O Mosquito* a irrisão foi dirigida somente a Quintino Bocaiúva. As considerações críticas do jornal ilustrado assemelham-se àquelas dirigidas pelos próprios companheiros de Quintino que logo, descontentes, tentaram organizar um novo jornal, idéia que não se concretizou. A solução encontrada por Quintino Bocaiúva foi passar a direção do jornal a Francisco Cunha, ex-diretor do jornal republicano *A Democracia* da Província do Rio Grande do Sul¹⁵. Na ocasião, o periódico ilustrado destilava sua crítica caricaturando o diretor saindo de seu jornal e sendo presenteado por alguns republicanos com um tinteiro: (*O Mosquito*, 07/12/1872).

Novamente às páginas d’*O Mosquito* retornaria Quintino Bocaiúva quando do término da *República* em 1874. O jornal anunciava aos leitores o fim da folha republicana num tom amigável; as ilustrações apresentavam a figura da alegoria feminina da república dando seu adeus ao redator e afirmando que “sem dinheiro não se sustenta uma moça bonita como eu”. Essa frase alude igualmente a temática explorada em 1872, quando o jornal identificou a Alegoria feminina da república como uma *Cocotte*, ou seja: só se mantém a causa (e uma *cocotte*) com dinheiro. Na continuação da série, um leitor boquiaberto e surpreso lê nas páginas da *Republica* a notícia do fim de sua circulação e o motivo: “No seu último número *Republica* declara que motivos políticos e pessoais a obrigam a suspender a sua publicação. Triste notícia para os assinantes” (*O Mosquito*, 07/03/1874). Aproveitando o momento, *O Mosquito* dava uma “picada” no colega caricaturista Henrique Fleiuss declarando que: “antes fosse a *Semana Illustrada*”.

Apesar do tom em que a notícia foi anunciada, logo o fim do jornal foi motivo para Quintino Bocaiúva e a redação do jornal se engalfinharem novamente. Com o título “O que se diz de nós”, a redação do jornal rebate as críticas feitas a folha ilustrada publicadas por Quintino Bocaiúva no jornal *Reforma*. Conforme *O Mosquito*, o ex - diretor publicou um artigo chamado “Volta ao passado” dedicando-lhe um parágrafo. Nele, Quintino afirmava que a folha ilustrada apresentava-o ao público como “um especulador a quem deixavam somente a tabuleta da casa”. O jornal assegura que naquele momento sua sugestão de mudança do nome da folha republicana era correta,

¹⁴ Tanto o colaborador Lulu Senior como Serapião Bord’Agua podem ser pseudônimos usados pelo caricaturista Candido Aragonês de Faria ou então por um de seus colaboradores. Essa verificação é difícil já que não se chegou ao presente informações precisas sobre a quem pertenciam os nomes fictícios.

¹⁵ BOEHRER, George. 2000. *Da Monarquia a República...* Op. Cit, p. 39.

uma vez que o diretor afirmara que o a partir daquele instante “pretendia representar as suas *idéias*”. Portanto, “Não tinha, pois, de se admirar de nos ver, com o seu programa na mão, dizer que da *Republica* apenas lhe ficara – a tabuleta da loja” (*O Mosquito*, 30/05/1874) (grifo do jornal). A folha ilustrada se defende afirmando que é crítica, imparcial e se exclui de questões pessoais e só se remete a pessoas quando estas são públicas, o que era o caso de Quintino Bocaiúva em 1872.

Essas desavenças cobradas por ele cerca de dois anos depois permitem sugerir que por um lado não as fez antes por “medo” de dar margem a que mais sátiras a ele e ao jornal fossem veiculadas pela folha ilustrada, as quais poderiam servir para preencher as páginas do periódico por vários domingos. Agora poderia as fazer, uma vez que já estando afastado da redação do jornal não receava as suas críticas e, também, evitava que o jornal republicano, que ora findava, se tornasse novamente um possível motivo às sátiras do periódico. Na inauguração do novo jornal liderado por Bocaiúva, *O Globo*, uma caricatura assinada por Angelo Agostini desejava boa sorte ao novo colega. Contudo, o ex-diretor da folha republicana, agora defendendo suas idéias através de outros órgãos¹⁶, continuara ao longo dos anos, até o término d’*O Mosquito* em 1877, sendo um dos alvos dos seus ferrões.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os periódicos citados no artigo –*A Vida Fluminense* e *O Mosquito* – constituem uma parte da imprensa fluminense que circulou no século XIX. Através da irreverência, os caricaturistas responsáveis pela circulação desses jornais não deixaram a política passar despercebida. Como parte do mundo político brasileiro imperial, as atividades republicanas iniciadas em 1870, embora de forma lenta, foram passíveis de serem comentadas com humor em suas páginas de ilustrações. A primeira imagem, a do americano e sua desconfiança com a particularidade do tratamento dado pelo governo à questão republicana, e a outra imagem igualmente veiculada em *A Vida Fluminense*, que traçava os dois anos do partido de uma forma particular, evidenciam que o ideário republicano estava na pauta dos assuntos naquele momento. Já a ilustração de *O*

¹⁶ Quintino Bocaiúva depois da circulação d’*O Globo*, findada em 1883 fundou *O Paiz* em 1884, importante órgão da propaganda republicana. Após a Proclamação da República foi Ministro das relações Exteriores do governo provisório, foi senador pelo estado do Rio de Janeiro e depois governador do mesmo estado. Morreu em 1912. Cf.: SILVA, Ciro. 1983. *Quintino Bocaiúva, o Patriarca da República*. Brasília, Editora da UnB.

Mosquito tratava de satirizar a folha republicana através de um de seus responsáveis, Quintino Bocaiúva, que foi também um dos principais expoentes da causa republicana no Brasil.

A questão republicana continuou presente ao longo dos anos em que esses jornais circularam até encerrarem suas atividades. Contudo, os anos 1880 marcariam o crescimento da campanha contrastado com o declínio da Monarquia. A idéia de uma República conquistava mais simpatizantes na mesma medida em que outros jornais ilustrados, como a *Revista Illustrada* e *O Mequetrefe*, atestavam sua simpatia pela causa e a abordavam. Nesse sentido, vale considerar que as produções artísticas desses periódicos e também a textual se constituem num manancial rico à análise da participação dos caricaturistas num momento importante da vida política brasileira acompanhando o desenvolvimento do ideário republicano desde os primórdios de suas atividades.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAHIA, Juarez. 1990. *História, jornal e técnica. Historia da imprensa brasileira*. São Paulo, Ática.

BOEHRER, George. 2000. *Da Monarquia a República. História do Partido Republicano do Brasil (1870-1889)*. Trad. Berenice Xavier. Belo Horizonte, Itatiaia.

BOURDIEU, Pierre. 2005. *O poder simbólico*. Trad. Fernando Tomaz. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil.

FERREIRA, Athos D.. 1964. *Imprensa Caricata do Rio Grande do Sul no Século XIX*. Porto Alegre, Editora Globo.

HOLANDA, Sergio Buarque de. 2005. *História Geral da Civilização brasileira*. 7ª Ed., Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, Vol. 7: Do Império à República.

LIMA, Herman. 1963. *História da caricatura no Brasil*. Rio de Janeiro, José Olympio.

LUSTOSA, Isabel. 2000. *Insultos impressos. A guerra dos jornalistas na Independência (1821-1823)*. São Paulo, Companhia das Letras.

ROBERTS, Nickie. 1998. *As prostitutas na história*. Tradução de Magda Lopes. Rio de Janeiro, Record/Rosa dos tempos.

SILVA, Ciro. 1983. *Quintino Bocaiúva, o Patriarca da República*. Brasília, Editora da UnB.

SILVEIRA, Mauro César. 1996. *A batalha de papel. A Guerra do Paraguai através da caricatura*. Porto Alegre, L&PM.

SODRÉ, Nelson Werneck. 1983. *História da imprensa no Brasil*. São Paulo, Martins Fontes.

TORAL, André. 2001. *Imagens em desordem. A iconografia da Guerra do Paraguai (1864-1870)*. São Paulo, Humanitas/FFLCH/USP.